



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

AUTISMO: UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Cynara Maria Andrade Telles¹

Resumo: Pretendemos neste trabalho abordar o autismo na perspectiva teórico-clínica, como também na discursiva, entendendo-o enquanto um acontecimento discursivo, propondo pensar os desdobramentos desde a construção de uma categoria de doença empreendida pela psiquiatria infantil na década de 1940, época em que a doença mental infantil e outros trabalhos voltados para a infância surgiram e marcaram todo o campo posterior deste universo teórico. Nosso objeto de estudo é o diagnóstico do autismo, suas nomeações e renomeações no campo da ciência. Faremos este percurso, com o propósito de discutir o que se compõe até chegarmos ao momento histórico atual, quanto à denominação nosográfica do autismo. Retomaremos o caminho da ciência no que se refere ao campo conceitual e classificatório sobre o autismo, sempre priorizando o percurso seguido pelas construções teóricas e os efeitos delas no saber médico, no saber psicanalítico, no saber filosófico, como também do próprio autista. E ainda, no (não) saber do leigo, de acordo com dispositivos legais e seus efeitos sobre sujeitos que vivenciam esta condição, quer sejam os próprios *autistas*, quer sejam as pessoas que com eles convivem: pais, irmãos, professores, profissionais. Este caminho visa confirmar o autismo como um acontecimento discursivo, conforme proposto por Foucault (2008). Nosso desejo, com tal retomada, considerando as posições ocupadas por esse sujeito *desviante*, é refletir as questões históricas, sociais e políticas que configuraram os cenários e os lugares por ele ocupados.

Palavras-chave: Autismo. Sujeito. Discurso. Psicanálise. Acontecimento Discursivo.

Introdução

*“Nana nana.
Se acaso disserem
Que não tens juízo,
Não dês importância:
Sorri o teu sorriso.*

*Nana nana.
Nana, dorme o adulto
E a criança dorme”.*

Elizabeth Bishop

¹ Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade e Doutora em Linguística pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A construção teórica da clínica e de suas especialidades é um campo de saber articulado a outros campos, especialmente ao do direito e ao do Estado. Redes de saberes e poderes que se entrecruzam para tratar do atendimento de sujeitos com saúde ou conduta *desviante*. No presente trabalho, são as formas de cuidado, de punição, de classificação e de doutrinação dos indivíduos, construídas enquanto práticas discursivas, o nosso foco de interesse.

Abordaremos a perspectiva teórico-clínica do autismo, como também a discursiva, numa espécie de *carrefour* epistemológico, propondo pensar os desdobramentos desde a construção de uma categoria de doença empreendida pela psiquiatria infantil na década de 1940, época em que a doença mental infantil e outros trabalhos voltados para a infância surgiram e marcaram todo o campo posterior deste universo teórico.

De sua denominação até o momento atual, muitas questões se colocaram, culminando em acontecimentos diversos envolvendo instâncias político-governamentais em sua relação com os profissionais que pesquisam e trabalham nesse campo.

Faremos uma retomada na formalização do conceito de autismo, para verificarmos os jogos políticos de poder que estão presentes nesse contexto, considerando essa “descoberta” um acontecimento discursivo no sentido de promover um efeito imaginário de referente produzido pelo próprio discurso (FOUCAULT, 2001). Outro fator que pode ser indicativo de um acontecimento é o fato de estar havendo um aumento progressivo no diagnóstico de casos de autismo, o que, para nós, é efeito das renomeações e ressignificações feitas sobre o autismo, abrindo um leque cada vez maior para se encaixar esta patologia em um número cada vez maior de pessoas, desde a primeira versão do DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1952) até a última, o DSM V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Com isso, pretendemos acompanhar esse processo de mudança e de manutenção de olhar sobre o autista, pois entendemos que o conflito é condição *sine qua non* de produção discursiva.

Nos dedicaremos a refletir sobre sujeito e autismo nos campos da linguagem e do discurso, concebendo o sujeito do inconsciente, conforme proposto pela psicanálise e retomado pela Análise do Discurso, como aquele que está imerso no universo da linguagem, e o sujeito autista, em constante movimento de recusa de pertencimento a esse universo.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No trabalho de análise, nos apoiaremos nos fundamentos metodológicos da análise interpretativa de Pêcheux (1995), para quem o material de análise se compõe de textos, depoimentos e documentos, que pertencem ao campo de uma determinada Formação Social. Nos recortes que compõem o corpus, voltaremos nossa atenção para diferentes discursos sobre o autismo, e sobre o autista, a partir de fatos ocorridos na década atual, com o que pretendemos postular como um acontecimento discursivo (FOUCAULT, 2008), e que indica os dispositivos de poder engendrados no campo médico.

2 Reflexão teórica sobre os fatos

Os fatos são considerados, de acordo com um universo onde o discurso é produzido, sob o efeito de variados poderes que interferem no seu modo de produção e circulação.

Segundo Foucault (2008), o discurso é composto por um conjunto de enunciados que constituem uma determinada formação discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 43). Esses enunciados são delimitados por algumas condições de existência, para que o discurso seja produzido.

A noção de tradição pretende apontar e agrupar um conjunto de fenômenos organizando a tendência dispersiva da história na formação de um determinado conjunto enunciativo, aliado também às noções de desenvolvimento e evolução, que favorecem o reagrupamento de uma sucessão de acontecimentos dispersos, relacionando-os a um determinado princípio organizador. (FOUCAULT, 2008). Seria algo com movimentos de retomada do já conhecido e lançamentos ao novo, ao inesperado e desconhecido, ao ainda não nomeado ou denominado, seguindo um fio condutor que mantém a coerência entre os fenômenos já ocorridos e os que virão, a fim de que o já dito ampare e legitime ou se contraponha ao que surge de novo.

O autismo foi destacado como nosso foco sem deixar de considerar uma questão maior, que são as políticas presentes no discurso que sobre o tema circula. Ele é referência para este trabalho, por se tratar de assunto especialmente polêmico na atualidade e que se refere ao sujeito da linguagem, questão especialmente relevante no autismo, por sua posição paradoxal diante de seu pertencimento ao universo da linguagem. É por esse caminho que se organiza a descrição de acontecimentos discursivos:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O campo dos acontecimentos discursivos é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas (...). Segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2008, p. 30).

O discurso está limitado a um número de enunciados, proferidos, não havendo neste campo, neutralidade, domínio ou totalidade de algo a que se pretende dizer. No autismo, por exemplo, as características desta denominada patologia mental infantil, a rede discursiva que se produz, está referida à própria condição desse sujeito autista, que implica cuidados diferenciados e dispendiosos para seus familiares, para o Estado e para a ciência.

Existem determinadas condições sociais, de poder e controle que favorecem o destaque a um enunciado em detrimento de outro. Lembremos, pois, que um enunciado é inesgotável em seu sentido e em sua prática, em uma determinada língua, sempre retomado em sua memória e materialidade em qualquer forma de registro. De acordo com o que se propõe, a análise dos acontecimentos discursivos pode abarcar todos os campos discursivos científicos, políticos, sociais, artísticos ou leigos, de uso cotidiano e comum. Nosso foco de interesse são os discursos da ciência, que se diferenciam do discurso não autorizado, o qual muitas vezes desorganiza ou deslegitima o privilegiado discurso autorizado, também por se tratar de sociedades sempre em mudança, que implica novas reflexões, com o enfrentamento de novos enigmas e desafios.

O elemento em constante mudança era o teórico, ponto a partir do qual se constrói as variações do saber médico, o lugar de disputas e apagamentos. Neste elemento teórico o saber médico marca sua frágil realidade, como nas mudanças de nomeação que ocorrem periodicamente nos critérios diagnósticos do autismo e das doenças mentais. Em contrapartida, a clínica foi um elemento de acúmulos: “olhar constante sobre o doente, atenção milenar, e, no entanto, nova a cada instante”. (FOUCAULT, 1977, p. 59). Esta atenção milenar indica uma memória retomada no processo histórico, seguindo numa tentativa de manutenção e reafirmação do já conhecido, mas delatada e deflagrada pelo que de inesperado e imprevisível se apresenta, fazendo cair constantemente a crença ilusória de estabilidade. No autismo há, por um lado, um acontecimento discursivo que tenta cercar a condição do autista e, por outro lado, há uma subjetividade prevista, mas recusada. Seu caráter previsível pode ser constatado no trabalho periódico de verificação dos manuais de diagnóstico



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

médico, e produção de novas edições. Existe uma tentativa incessante em conservar a identidade de determinada patologia, com pequenas mudanças.

Vemos assim que, no campo do discurso, o movimento de construção de seu domínio de saber, o discurso da clínica produz-se em duas etapas, uma de *constituição*, e uma de *conservação*, ou seja, mudanças de situações e protagonistas podem variar, mas eles serão sempre remetidos a sua origem semântica, a qual garante a identidade de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1977).

A proposta de pensar o discurso remetido a um contexto histórico de denominação e significação permite acompanhar a clínica e sua construção teórica de quadros específicos com características peculiares a cada um. Existem mecanismos de poder imbricados em uma determinada formação discursiva com os objetos a ela relacionados, e sua relação de poder e interesse político e social associado, especialmente quanto à ciência. (FOUCAULT, 1977). Um movimento político e social provoca, nesse caso, mudança no campo da saúde e de sua ciência, por resultar também numa mudança de população de doentes, novas investigações para o tratamento dos enfermos de guerra foram necessárias, o que resultou no avanço da ciência com novas terapêuticas que atendessem à necessidade dessa população.

Autismo: campo de embates teóricos e políticos

O autismo teve sua inserção nas categorias nosográficas das doenças mentais em 1943 e sua formalização foi atribuída a Leo Kanner (1997), psiquiatra infantil, de origem austríaca, naturalizado americano e que realizava suas pesquisas na Universidade Johns Hopkins (EUA). Muito próximo desta data, 1944, Hans Asperger, médico alemão que trabalhava no departamento de pediatria da Universidade de Viena, também isolou alguns tipos de condutas peculiares em determinados tipos de criança, denominando-as de Síndrome de Asperger, casos em que se observava uma alta habilidade desses sujeitos em uma determinada área, como memória prodigiosa, grande habilidade para cálculos, entre outros.

Como poderíamos articular o termo *descoberta* ao campo discursivo? Consideramos o aspecto de se tratar de um efeito imaginário do referente, produzido pelo próprio discurso. Este efeito é o que denominamos como acontecimento discursivo, não no que se refere à nomeação, mas aos desdobramentos deste diagnóstico ou denominação, que no campo da Linguagem implica no atravessamento da língua e da história resultando num efeito de realidade, de existência de um referente, de apreensão do real pela língua, pelo texto, pela ciência. Descreve um objeto frente a diversos outros, em relações de oposição (como o valor do signo), sendo o diagnóstico feito por exclusão.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O acontecimento discursivo como efeito de suas marcas de heterogeneidade

Não é a definição do quadro de autismo que consideramos um acontecimento discursivo, mas os múltiplos e heterogêneos discursos produzidos nesse campo, tomando uma dimensão que vai muito além da questão do diagnóstico e do tratamento, circulando nas mais variadas instâncias.

Com a denominação do conceito e definição de patologia mental do autismo, se instala uma memória discursiva sobre crianças com essas semelhanças, e por se tratar de um discurso especialista, em detrimento de outros possíveis saberes que acabam silenciados, a legitimidade desse discurso da ciência acaba por afetar ideologicamente o sujeito, interpelando-o a reproduzir os modos de significar esse “tipo” de criança. A memória discursiva que possibilita a produção de um enunciado é entendida pelo entrecruzamento das memórias mítica, social e construída pelo historiador. É ela que, diante de um texto permite “restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível.” (PÊCHEUX, 1999 p. 52). Por exemplo, o modo de posicionamento no contexto social da criança, as mudanças e particularidades de considerá-la nesse processo histórico, foi condição para se definir as patologias mentais infantis.

O autismo se constitui um quadro que se manifesta precocemente e afeta várias áreas de desenvolvimento. Nesse sentido, sempre se propôs e se reconheceu como necessidade, estabelecer um trabalho com o envolvimento de profissionais de várias especialidades. Isso acabou por provocar um vasto e diversificado campo de pesquisas, bem como várias abordagens teóricas, o que já tratamos em trabalho anterior (TELLES, 2011).

Verificamos, entretanto, uma profusão de enunciados sobre o assunto que vão muito além do campo da ciência. Na década de 1980, por exemplo, esse assunto apareceu pela primeira vez no universo cinematográfico. De lá para cá, são muitos os filmes que relatam a experiência de um autista, e/ou das pessoas que com ele convivem; autistas se tornaram pesquisadores, autores de livros, profissionais do governo, entre outros. Um dos casos mais famosos é o de Temple Grandin que pode ser considerada uma das pioneiras a desbravar o universo aterrorizante a seu redor, e principalmente, relatar esta experiência. Professora universitária no Colorado, com especialização em zootecnia, desde o mestrado interessou-se em estudar dispositivos que pudessem evitar o sofrimento do gado no momento do abate. No livro *Thinking in Pictures*², Grandin relata que seu modo de pensar podia ser comparado ao funcionamento de um computador e que era capaz de resgatar da memória qualquer

² GRANDIN, T. **Thinking in Pictures: My Life with Autism**. New York: Vintage Books, 2010.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

detalhe ou imagem que evocasse. Por exemplo, se lhe diziam, pense em um sapato que você tem, automaticamente lhe vinham à mente todos os sapatos que possui sem se esquecer de um sequer. Afirma ainda que suas decisões não são comandadas por emoções, mas nascem do cálculo. (LAURENT, 2014).

Se de fato verificamos uma mudança radical no universo discursivo sobre o autismo, como por exemplo, a manifestação de muitos destes sujeitos que tiveram confirmado para a ciência e para eles mesmos o “diagnóstico”, é relevante considerar que isso é possível pela legitimação deste discurso que define o que venha a ser o autismo. Com referência a esta questão destacamos também que, o aumento alarmante de casos está diretamente e condicionalmente atrelado a esta condição de legitimidade do discurso sobre o diagnóstico.

Mas como podemos entender seu aumento em nível epidêmico, a partir da década de 1990, com a publicação do DSM-IV? O que poderia explicar o fato de, nas duas últimas décadas, terem sido agrupados à categoria de “autismo” dez vezes mais itens? Entendemos não se tratar de uma epidemia, primeiramente porque não é contagioso, mas esse tema vem produzindo um discurso relacionado à dimensão simbólica e não imaginária. Isso podemos constatar com a circulação cada vez maior e mais ampla desse tema como temos exemplificado, ampliando assim o universo discursivo e as formações discursivas.

Um aumento de 600% no número de casos de autismo gera consequências e cobra mudanças da máquina administrativa, financeira e governamental, quanto à rede de atendimento público. Por exemplo, para se ter o direito de atendimento, é necessário que o “usuário” receba o diagnóstico prévio. Estamos falando de uma realidade que se manifesta de forma semelhante em vários países, sempre com questões referentes à legitimidade do direito, e às mudanças efetuadas pelos responsáveis em categorizar as patologias mentais.

Foi o que ocorreu com o DSM-V, que teve sua publicação adiada, por conta de uma mudança realizada na categorização nosográfica da patologia:

Estava prevista a retirada do item “Asperger” dos “transtornos não especificados” para reintroduzi-lo no “espectro do autismo” – espectro entendido, aqui, não mais no sentido de fantasma, mas como a decomposição, a difração de um feixe luminoso. Durante uma conferência de imprensa, as associações de sujeitos ditos Asperger fizeram questão de expressar sua angústia ante a perda de sua especificidade diagnóstica – demonstravam, ao mesmo tempo, o absurdo da oposição que se pretende atribuir a eles, ao dissociar suas faculdades cognitivas, intactas, e sua suposta incapacidade de ler as emoções ou os afetos dos outros. Ao se recusarem a ser confundidos com aqueles carentes de capacidades cognitivas, opuseram resistência reivindicando sua **especificidade** para



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

escapar de um espectro que não cessa de se ampliar. (LAURENT, 2014, p. 62).

Primeiramente apontamos uma contradição do documento: se o diagnóstico adquiriu um aspecto amplo, pulverizado, os sujeitos que se encaixam nos “transtornos não especificados” são mais específicos do que os que se enquadram no espectro do autismo, que abarca uma variedade muito maior de quadros. O diagnóstico principal hoje apresenta características inespecíficas, e o não especificado, se refere a todos que não se enquadram no diagnóstico principal.

Um dado a se considerar é o fato de se denominar a reação de angústia desses autistas, e o modo que o enunciado aparece, desloca a posição desses sujeitos no panorama social atual, que durante as primeiras décadas de seu surgimento, não se pronunciavam em hipótese alguma. De acordo com o que observamos anteriormente, (TELLES, 2011), no discurso circulante sobre o autista, havia a elisão do sujeito, um sujeito sempre falado, nunca, ou quase nunca falante, ao menos aos olhos do discurso científico. Destacamos então aqui, a ampliação do discurso do autismo de maneira astronômica, sempre conduzido pelo discurso científico e seus mecanismos de poder. E é por esse viés que propomos pensar o autismo no momento atual, como acontecimentos discursivos, bem como, o amplo e diverso material disponível para análise na forma de documentos, editais, portarias, leis, etc. são suficientes para compor o corpus de um discurso que se manifesta por enunciados que compõem formações discursivas que confirmam este acontecimento discursivo.

Outra questão na qual nos apoiamos para confirmar nossa hipótese interpretativa do autismo enquanto um acontecimento discursivo é a de não tentar restabelecê-lo em um isolamento e nem fechá-lo em si mesmo; é torná-lo livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2008). Tomado por este mirante, o acontecimento discursivo não apenas não pode ser separado do contexto social e histórico do qual faz parte, como também é reconhecido num movimento contínuo intrínseco a esses contextos sendo, portanto, um efeito deles.

Considerações finais

Diante do exposto, acreditamos poder confirmar nossa hipótese interpretativa do autismo enquanto um acontecimento discursivo, que não é a de tentar restabelecê-lo em um isolamento e nem fechá-lo em si mesmo; é torná-lo aberto para descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 2008). Tomado por este mirante, o acontecimento discursivo não apenas não pode ser separado do contexto social e histórico do qual faz parte, como também é reconhecido num movimento contínuo intrínseco a esses contextos sendo, portanto, um efeito deles.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Retomando o processo de denominação e renomeação do autismo, destacamos que uma “descoberta”, como acontecimento discursivo tem o efeito imaginário de referente que o próprio discurso produz. A denominação de um conceito cria este referencial a partir do discurso autorizado do especialista. Para isso, constatamos em nosso trabalho, que fatores históricos e conjunturas sociais refletem enquanto práticas de subjetivação, o modo de ser do sujeito, e a maneira de interpretá-lo. Atrelado ao discurso político, por ser este também um legitimador de um determinado discurso, o discurso científico ganha ainda mais legitimidade e poder.

O autismo é considerado um acontecimento discursivo também com relação ao domínio e pulverização que abarca um número bem maior de sujeitos que se enquadram nos critérios diagnósticos, com um aumento cada vez maior de diagnósticos feitos. A este respeito observamos que as versões do DSM seguiram na direção de uma destituição teórica, seguindo uma tendência de apresentar características que supostamente definem o quadro. Entende-se assim, os motivos da crise política da psicanálise, por se tratar de uma prática sem sistemas de equivalência.

Destacamos também a contradição de uma invocação do sujeito de direito e um silenciamento do sujeito do desejo, promovendo toda essa diversidade de fatos e dados que concebemos como um acontecimento discursivo, mas sempre embutido num campo de forças que se opõem para garantir seu reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** - DSM. Washington, USA: APA, 1952. Disponível em: <<http://www.turkpsikiyatri.org/arsiv/dsm-1952.pdf>>. Acesso em: 5 jan.2014.

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** – DSM II. Washington, USA: APA, 1968. Disponível em: <<http://www.madinamerica.com/wp-content/uploads/2015/08/DSM-II.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** – DSM III. Washington, USA: APA, 1980. Disponível em: <<http://www.terapiacognitiva.eu/dwl/dsm5/DSM-III.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** – DSM III-R. Washington, USA: APA, 1987. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/247913953/dsm-iii-r#scribd>>. Acesso em: 15 mar. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM IV.** Washington, USA: APA, 1994. Disponível em: <<http://www.terapiacognitiva.eu/dwl/dsm5/DSM-IV.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM IV-TR.** Washington, USA: APA, 1994. Disponível em: <<http://www.terapiacognitiva.eu/dwl/dsm5/DSM-IV.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

_____. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM V.** Washington, USA: APA, 2013. Disponível em: <<https://www.autismspeaks.org/what-autism/diagnosis/dsm-5-diagnostic-criteria>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

_____. **Os anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.

KANNER, L. Os Distúrbios Autísticos Do Contato Afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.). **Autismos.** São Paulo: Editora Escuta, 1997.

LAURENT, E. **A batalha do autismo:** da clínica à política. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Papel da Memória in: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória.** Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

TELLES, C. M. **A O(s) obscuro(s) dizer(es) de mãe(s) sobre o autismo de seu(s) filho(s).** 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.